

TRABALHO CIENTÍFICO

LIVRO PUBLICADO:

SIMONSEN, Iluska & OLIVEIRA, Acary de Passos -  
"Modelos Etnográficos Aplicados à Cerâmica de  
Miararré".  
Goiânia, Ed. da UFG, 1980.

EXMº SNR.

PRO. JOFRE MARCONDES DE REZENDE

COORDENADOR GERAL DA EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

N E S T A



## A CERÂMICA DA LAGOA DE MIARARRÉ

ILUSKA SIMONSEN

ACARY DE PASSOS OLIVEIRA

### Considerações Preliminares:

No decorrer das etapas de campo, afastou-se, em definitivo, a possibilidade desta cerâmica ser de manufatura Kamaiurá. De fato, suas características essenciais divergem fortemente daquelas usualmente associadas à tradição Tupi-Guarani, como, por exemplo, aquelas descritas para a cerâmica do rio Itacaiunas (FIGUEIREDO, 1965) ou a dos índios Jurunas, estudada por OLIVEIRA & GALVÃO (1969). A cerâmica da lagoa Miararré guarda afinidade bem marcada com as cerâmicas etnográficas do Alto Xingu.

Realmente, não poderia ser de outra forma, uma vez que a cerâmica é um material que não se conserva indefinidamente quando submersa, o que nos leva a admitir que a amostragem em questão é de fabrico relativamente recente.

"As formas dominantes no Alto Xingu, derivam essencialmente de um tipo de vaso de bojo cilíndrico, em que a altura é cerca de 1/3 de largura, fundo plano circular, bordas extrovertidas e boca aproximadamente ao diâmetro. Banho vermelho ou branco bufo para a superfície externa e geralmente preto, vermelho ou branco, usando-se preferencialmente o motivo "merexu" descrito por Steinem... Uma variante é apresentada por vasos de mesmo tipo ou com sugestão zoomorfa obtida por aplicados às bordas: miniaturizados. Esse estilo difundido universalmente entre os grupos do Alto Xingu e que tem seu foco de irradiação entre os Waurá e Mehinékw (LIMA, 1950: 10ss) foi também absorvido pelos Suyá. Para o tempero do barro usa-se o cauixi, um espongiário de água doce (OLIVEIRA & GALVÃO, 1969:14).

De fato, os Waurá são dados, historicamente, como um



dos primitivos habitantes da área. No entanto, a descrição anterior difere da amostra em estudo pela técnica de aplicação da decoração: pintada no lugar de decoração plástica. Algumas hipóteses podem ser formuladas a partir desta constatação. Admitindo-se como de origem Aruak a amostra estudada, isto evidenciaria que a pintura é uma técnica posterior, mais recente entre estes grupos. Por outro lado as peças sem decoração poderiam ter sido pintadas originalmente, sendo perdido as tintas, por ação da submersão prolongada. Neste caso, as peças sem decoração plástica seriam as mais recentes, ao contrário da que supunhamos em trabalho anterior (SIMONSEN & OLIVEIRA, 1976:19).

Arqueologicamente, a amostra analisada nesta etapa apresenta indubitável afinidade com aquela englobada na Fase Ipavu, (SIMÕES, 1967:132ss). Segundo este autor as primeiras informações sobre material arqueológico no Alto Xingu datam do fim do século passado. Posteriormente, GALVÃO localizou um provável cemitério com cerâmica até a profundidade de 1m, registrando uma certa semelhança quanto ao tempero e à forma das bordas com a atual cerâmica Waurã, diferindo no entanto, por apresentar, nas bordas, um denteado que não ocorre na cerâmica atual. A cerâmica da Fase Ipavu é descrita como sendo, ao contrário da cerâmica da Fase Diauarum, "predominantemente decorada, de manufatura acordelada, como atestam vários fragmentos com fraturas nas junções dos rolete, e temperada com cauixi. A mistura das espículas com a pasta é, geralmente, homogênea, perfazendo até 60% da mesma. Apesar de ligeiras concentrações ocasionais de tempero em um ou outro ponto, a densidade da pasta é uniforme; notando-se inclusive uma certa tendência de isorientação das espículas. Constatamos ainda a ocorrência de alguns grânulos de quartzo... A cor da pasta varia do cinza claro, tostado claro a laranja, com ou sem núcleo mais escuro, ou ainda cinza mais escuro em toda a espessura da parede... Na decoração destaca-se, pela popularidade observada nos cacos, a técnica incisa... De outras técnicas constatamos: engobada, sob a forma de engobo vermelho aplicado à face externa dos vasos e, às vezes, associado com engobo branco; entalhada, restrita à borda, com entalhes paralelos verticais ou oblíquos e em zig-zag, e finalmente a modelada ou plásti



ca, utilizada na elaboração de alças e adornos de borda. Todas es sas técnicas, inclusive a incisa, são aplicadas isoladamente ou com binadas num mesmo verso." (SIMÕES, 1967:138ss). Este autor faz ain da referências a existência de assadores e suportes para painéis hi perbólicos.

Do exposto, forçoso é concluir que a cerâmica de Mia rarré filia-se à Tradição Ponteada da Bacia Amazônica, a qual é assim descrita:

"A Tradição Inciso Ponteada é caracterizada pela mode lagem sob a forma de baixos relevos ou adornos antropomorfos, zoo morfos ou antrozoomorfos sobre a borda ou parede dos vasos. As incisões são predominantemente retilíneas e os padrões desenhados em finas linhas paralelas, iniformemente espaçadas com precisão. O ponteado é encontrado frequentemente bem como a pintura também ocor re. A informação é escassa sobre o trabalho dos sítios e o tempo da permanência das aldeias. Objetos de origem européia são encon trados com frequência, mostrando contacto em época pós-cubralina. São encontrados com frequência sepultamentos em urnas pequenas que contêm restos ósseos cremados. Encontram-se associados estatuetas e outros objetos de cerâmica não catalogados devidamente.

São representantes dessa tradição na Bacia Amazônica as fases: Mazagão-séculos XV e XVI (EVANS & MEGGERS, 1950), no sul do rio Araguari, rio Jari e Vila Nova (AP); Konduri-provavelmen te proto histórica: (HILBERT, 1955), no baixo rio Trombetas até o lago de Faro, praticamente no curso inferior do rio Jamundá (PA); Itacoatiara - A.D. 1000 - 1500 - (HILBERT, 1958), (?), na refinaria de Manaus, no baixo rio Negro e cidade de Itacoatiara, na margem es querda do Amazonas (AM); Diauarum - A.D. 1.220 <sup>±</sup> 75 e A.D. 1.120 90 - (SIMÕES 1967) no alto Xingu e baixo curso dos rios Suiã-Missu e Manitsauã (MT); e Ipavu - contemporânea à parte final da fase Daiua rum - A.D. 1200 - 1300 (SIMÕES 1967), na lagoa Ipavu e Ribeirão Ta tuari, no baixo curso do rio Culuene (MT), (FIGUEIREDO, 1977:41ss).

De todo o exposto, conclui-se que a cerâmica da lagoa Miararré guarda relações com a cerâmica etnográfica do Alto Xingu, em especial com a Waurá, e com a cerâmica da Fase Ipavu, fi liando-se à tradição Inciso Ponteada, o que lhe assegura uma origem



amazônica. Algumas diferenças podem ser explicadas por sua longa submersão, que provocou erosão e formação de pátina, sendo possível que apresentasse uma frequência maior de banhos, e até um certo polimento, o que já pode ser considerado com segurança. A forma dos vasos e o motivo "merexu" são dados que favorecem a aproximação à cerâmica indígena atual. As peças não utilitárias, no entanto, são as grandes linhas diferenciais que levam a admitir-se ser esta uma Fase dissociada dos atuais habitantes da área, e das demais fases da mesma Tradição. A Fase Miararrê seria, portanto, como características diagnósticas, a grande incidência de objetos não utilitários como ídolos antropomorfos e zoomorfos.

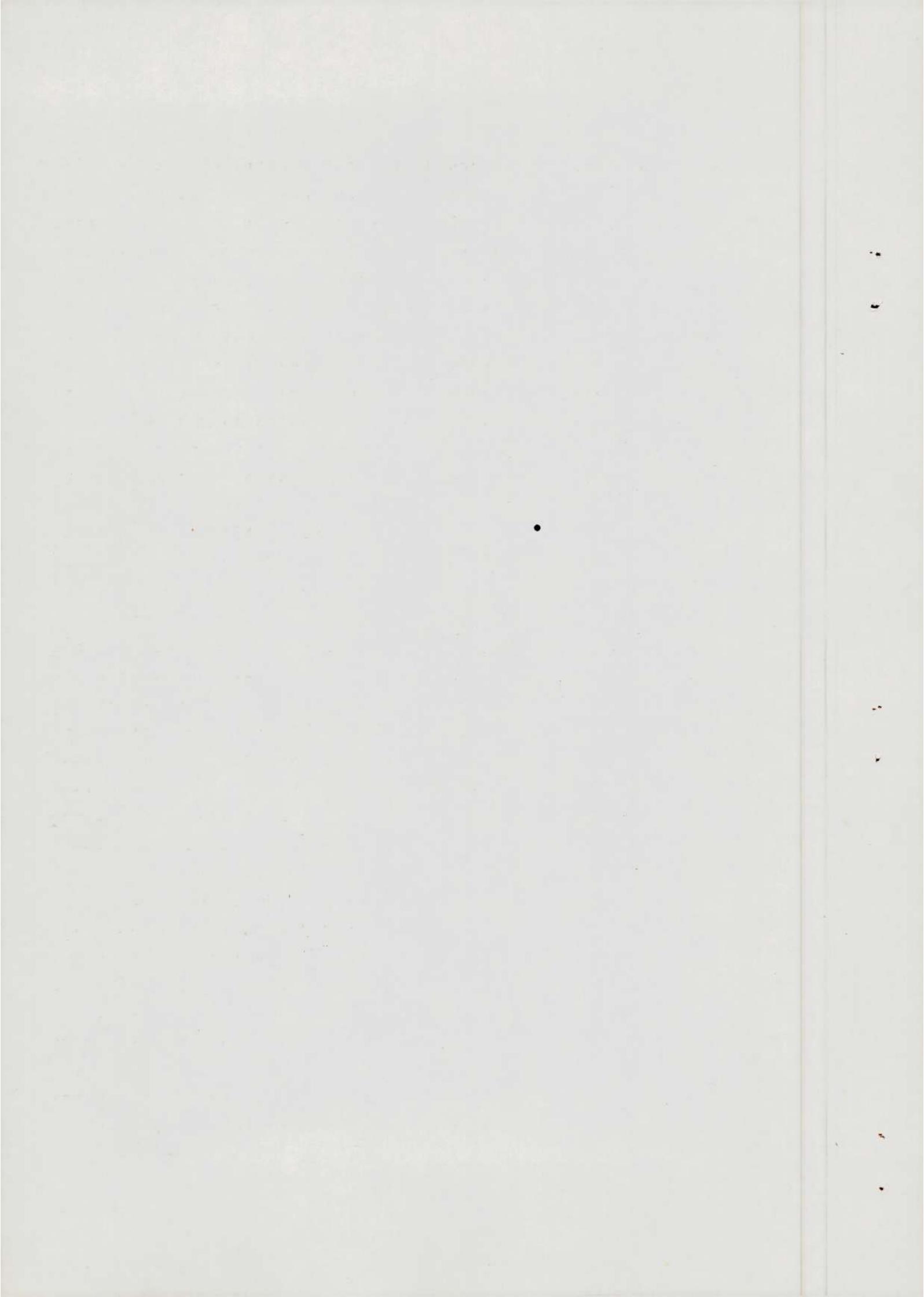


## A REGIÃO

### Aspectos Geológicos e Ecológicos:

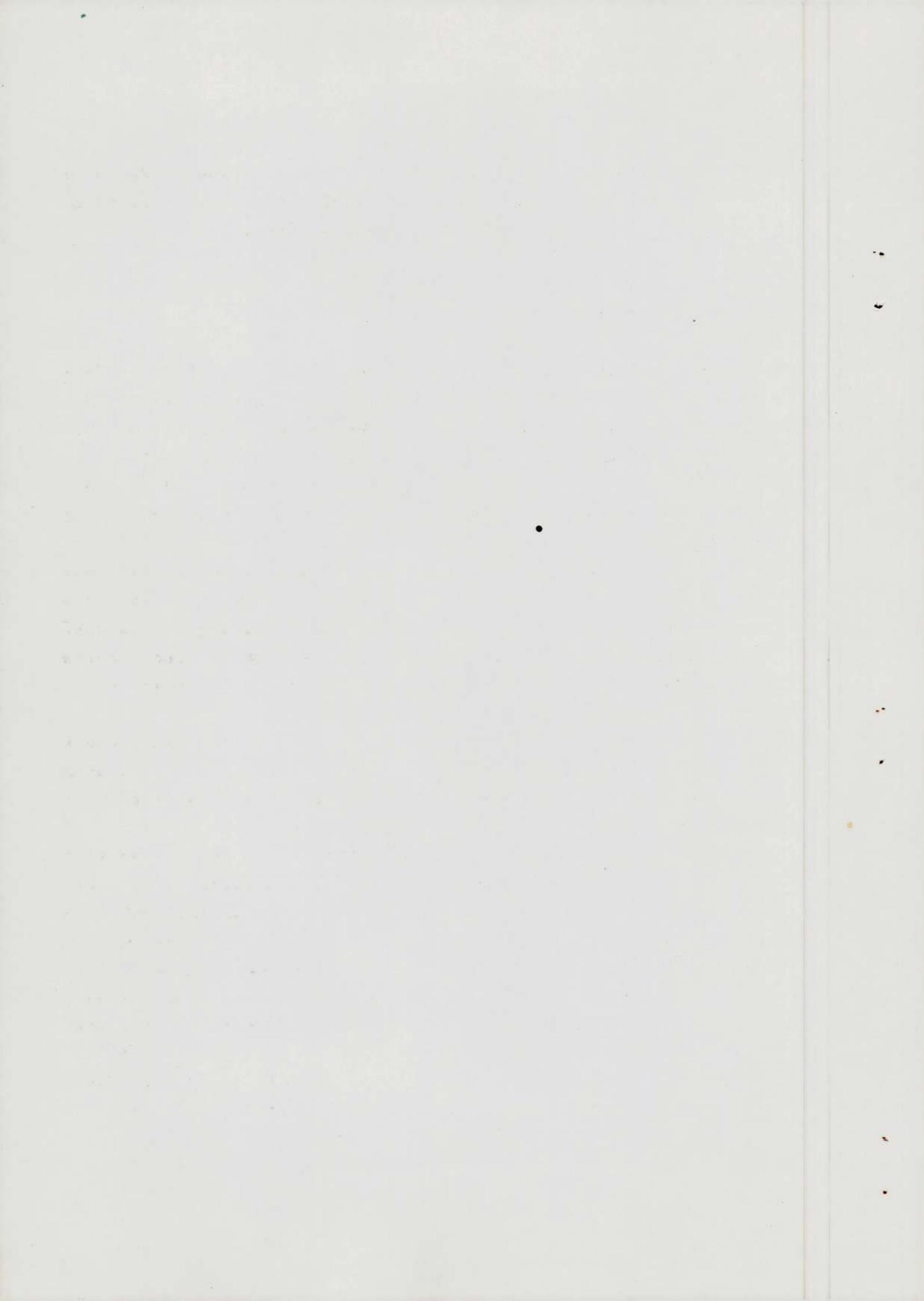
A Lagoa de Miararré localiza-se no Parque Nacional do Xingu, à cerca de 1,5km a leste-sudeste da Lagoa Ipavu e a 14km do Posto Indígena Leonardo Villas Boas da FUNAI. Situa-se entre os rios Culuene e Batovi, dois dos principais formadores do Xingu, próximo às nascentes do rio Tuatuari. Apesar de ser de origem pluvial, a Lagoa Miararré recebe a contribuição de alguns pequenos córregos, na época das chuvas, que auxiliam a manter o nível das águas aproximadamente estável durante todo o ano, apesar da deposição progressiva de débito sólido, o que resultará na colmatação futura da lagoa. A região é acentuadamente plana, com os rios correndo encaixados entre barrancas de alguns metros de altura. As rochas que a constituem são de idade cenozoica (período terciário) e integram a Formação Araguaia, definida originalmente por LOFGREN (1932:44) que estudou as argilas fortemente coloridas que constituem parte da baixada do rio Araguaia. Esta formação é correlacionada à série Barreiras do Baixo Amazonas (OLIVEIRA & LEONARDOS 1940:427). Junto ao leito dos rios os solos são constituídos por sedimentos aluvionais recentes.

Do ponto de vista da botânica e da zoologia, a área caracteriza-se por ser, essencialmente, uma zona de transição entre a planície amazônica, com sua vegetação e fauna características e os planaltos centrais. VASCONCELOS SOBRINHO, (1970:29), levando em conta as áreas florísticas e as províncias faunísticas da região neotropical, estabelece sete regiões naturais para o Brasil, algumas admitindo sub-regiões. Nesta classificação, a lagoa de Miararré estaria incluída na Região Natural das Formações Sul-Hileianas ou Intermediárias, a qual "estende-se através do sul dos Estados do Amazonas, Pará e Maranhão, e sul do Território de Rondônia, bem como pelo norte dos Estados de Goiás e Mato Grosso, projetando-se em pro



longações como estreitas faixas de florestas ciliares e como "capões" de mata através dos cerrados e caatingas, nos Estados de Goiás, Mato Grosso, Piauí e Minas Gerais. Delimita-se, ao Norte, com a Hiléia e ao Sul com as formações degradadas das caatingas do Nordeste e dos cerrados e campos do Centro Oeste, constituindo-se, assim, em uma região realmente intermediária (RIZZINI, 1963). Situa-se a partir da faixa mais úmida de planalto goiano-matogrossense ainda sujeito à influência hiléiana, alargando-se até o Triângulo Mineiro e prolongando-se através do Planalto do Meio Norte até os limites das planícies litorâneas do Maranhão e Piauí (DOMINGUES & WHATELY, 1966). É revestido principalmente pelas florestas decíduas, que vão desde o sudoeste de Goiás até o Triângulo Mineiro, intrometendo-se por entre formações de outros tipos. Essa região é revestida, também, por florestas perenifólias higrófilas em sua faixa contígua à Hiléia, bem como por florestas estacionais mistas dicótilo-palmáceas. Estas últimas formam a "Zona dos Cocais", no sistema Engles-Sampaio. Pode ser sub-dividida em três sub-regiões as quais seriam: a sub-região dos Palmaís, com dominância do babaçu e outras palmeiras; a sub-região das Penetrações e Disjunções, constituída pelas faixas de penetração através dos cerrados e caatingas, acompanhando os leitos dos rios como florestas ciliares, ou surgindo, em solos propícios, como "capões" e matas isoladas. A fauna dessa região pertence à Província Amazônica, participando porém, das faunas das províncias com as quais se interpenetra. Seu clima inclui ambas as modalidades da Região Bioclimática Termoxérica "(VASCONCELOS SOBRINHO, 1970:30-31).

Esta transição entre a floresta amazônica e o cerrado, é particularmente visível nas proximidades da lagoa. Na sua orla, a vegetação é tipicamente de "mata de galeria", no entanto, algumas centenas de metros a leste, surgem, já, os campos e os "cerradinhos" com moitas de gravatás e capim alto. A fauna é, também, amazônica, tendo-se observado, durante a pesquisa, espécimes de veado, anta, cateto, macaco, paca, e aves várias, destacando-se patos, marrecões e mutuns. A estação das chuvas, entre os meses de abril e setembro, propicia o ingresso de numerosas espécies de peixes nas lagoas mistas (pluviais e fluviais), as quais, aí en



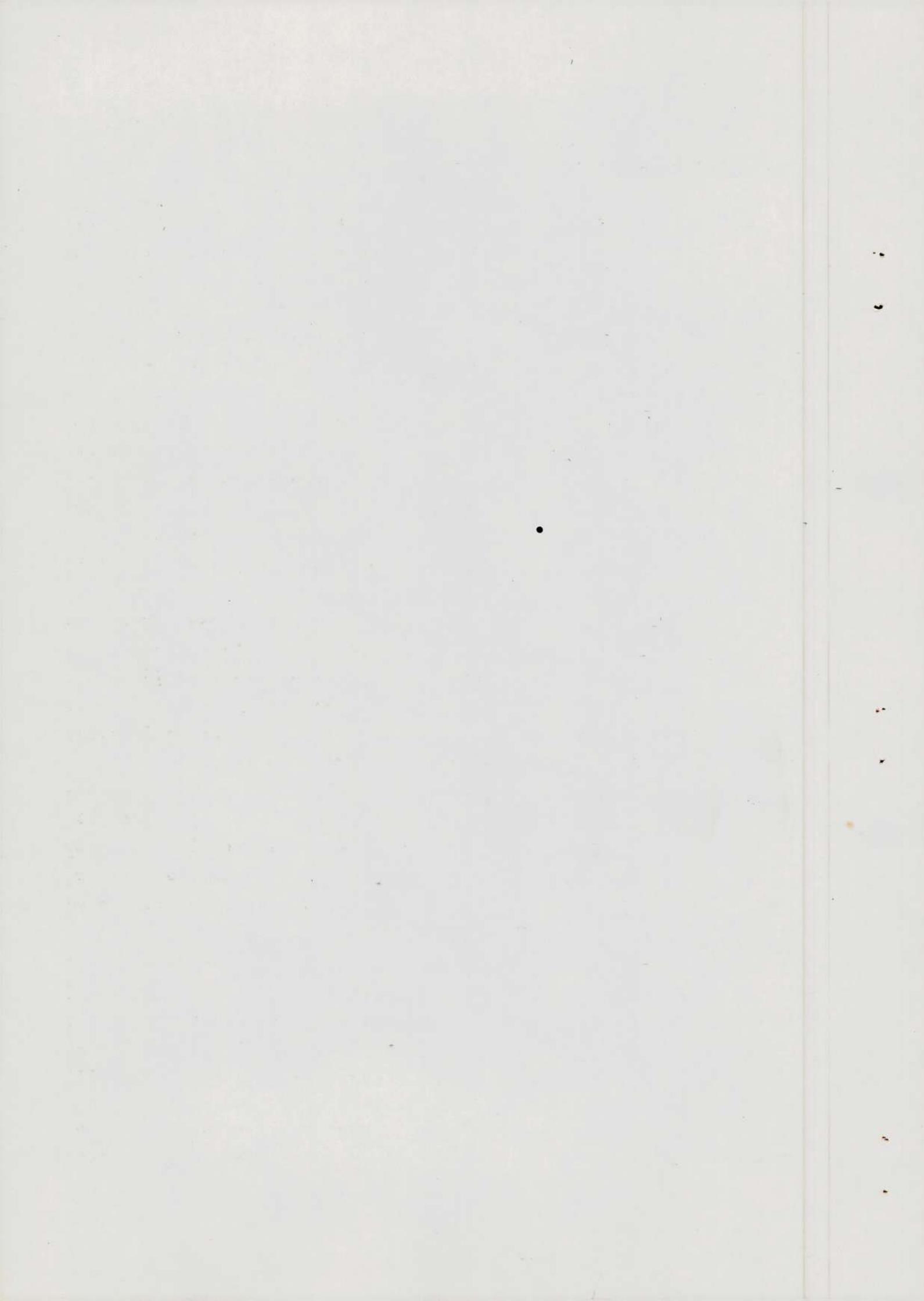
contrando ambiente favorável, aumentam consideravelmente de número, vindo a tornar-se em uma das principais fontes de recursos alimentares para as populações indígenas da área.

#### Aspêctos Etno-Históricos:

A região tem sido habitada, desde o período pré-cabralino, por populações ribeirinhas, que utilizam a bacia hidrográfica do rio Xingu, como via de transporte e locomoção, e também, como fonte de alimentos. Tem-se registrado da maioria dessas migrações ao longo destes rios, os quais, tem servido como palco de intenso processo aculturativo, o que muito dificulta a correlação entre dados etnográficos e arqueológicos.

Historicamente, a região é dada como habitada por grupos Karib e Aruak, sendo que, tradicionalmente, os Karib são tidos como guerreiros belicosos, que moviam perseguição incansável aos grupos Aruak. Esses, por sua vez, são dados como portadores de uma cultura material mais sofisticada, na qual destaca-se a cerâmica delicadamente decorada.

Das tribos atuais do alto Xingu, aquela que encontra-se mais próxima da lagoa é a dos Kamayurá (Tupi), que ocupam as margens do igarapé Tuatuari (Tiautiauari) e a área entre a lagoa Ipavu e o rio Culuene. Um pouco mais afastados estão os Waurá (Aruak), na margem direita do rio Botovi, e que teriam sido afastados da lagoa Miararré por pressão dos Kamayurá. Na microregião das nascentes do Xingu, 5a. área cultural (GALVÃO, 1959) habitavam, historicamente, os Manitsawá, Cane e Suiá, todos Macro-Jê; os Waurá, Meinako e Iwalapiti, todos Aruak; os Aweti e os Kamaiwra, ambos Tupi; os Nahukwá e os Kalapalo, ambos Karib; e, ainda, os Txikão. Atualmente são encontrados ainda, Juruna e Walapiti (Tupi); Txukarramãe (Macro-Jê); Bakairi e Kuikuro (Karib), e os Trumai, os últimos a chegar à área. Nestas condições, a pressão dos processos aculturativos tem sido muito grande, o que leva a uma rápida descaracterização cultural dos grupos.



## Metodologia da Pesquisa:

A localização do sítio, sob as águas da Lagoa Miarraré, colocou desde o início, um grave problema: como executar as etapas iniciais de coleta do material. A primeira opção viável, a da pesquisa sub-aquática, teve de ser afastada, face ao fato de a lagoa ser local interdito a estranhos, havendo, também, restrições quanto ao manuseio das peças, já que o ritual não permitia sofrer contacto manual. De fato, Tacumã, o atual chefe e pagê dos Kamayurá, narra que a lagoa é local sagrado, povoada por numerosos espíritos sob as ordens de "Mamaé", protetor de Tacumã e da tribo. Caso a lagoa venha a ser profanada, ou se a cerâmica procedente de seu leito for tocada pelas mãos, grandes desgraças ocorreriam aos Kamayurá, com o desaparecimento completo dos peixes, que constituem a base de sua alimentação (SIMONSEN E OLIVEIRA, 1976:16).

À partir do conhecimento de que as peças procediam de um mesmo sítio, no entanto, julgou-se procedente aplicar, às mesmas, técnicas visando inseri-las em fase ou tradição já estudada, o que propiciaria melhores condições para o estudo do material coletado, assunto que foi objeto de uma comunicação à XXVIII Reunião Anual do SBPC (SIMONSEN E OLIVEIRA. op. cit.).

A importância da coleção inicial, tornou evidente a necessidade de uma coleta mais rigorosa e devidamente controlada. Optou-se, desta forma, por buscar recursos estatísticos para ordenar e sumarizar os dados, apoiando-se as conclusões em métodos de inferência estatística e controlando-se os resultados por cálculo de probabilidade.

De fato, a um conjunto qualquer de elementos, dados ou informações, podemos dar a designação de população. Quando todos estes elementos são conhecidos, e o seu número é pequeno, temos uma população finita, a qual pode ser estudada e descrita em detalhes, com toda a probabilidade desta descrição ser verdadeira e representativa da população em apreço.

No caso das populações arqueológicas, no entanto, e em particular no caso das pesquisas na lagoa Miarraré, é impos



sível reunir-se toda a população que se deseja estudar. De fato, ao delimitar as áreas de escavação, o arqueólogo está limitando uma "seção" de uma população de tamanho desconhecido. Está, portanto, recolhendo uma amostra desta população. A amostra é simplesmente, uma porção de dados que contém menor número de elementos do que a população na qual estamos interessados. "É claro que as características da amostra podem diferir (e frequentemente diferem) das da população, bem como características de amostras distintas da mesma população podem também diferir entre si. O que importa, porém, é justamente sabermos que estas características que podemos obter de uma amostra podem ser generalizadas, por assim dizer, para a população" (NICK & KELLNER, 1971:4). A significância da generalização pode ser avaliada para cada situação, de terminando-se os riscos em bases probabilísticas.

Após as duas primeiras coletas, portanto, optou-se por buscar metodologia mais rigorosa. Duas outras missões de pesquisa foram realizadas, com sondagens em toda lagoa, até delimitar-se a área de concentração das evidências. Nesta procedeu-se a uma divisão espacial teórica, com quadrículas de 10,0m de lado. Cinco destas foram selecionadas aleatoriamente, e nelas procedeu-se a uma coleta intensiva. Com este procedimento logrou-se obter uma amostra estatisticamente válida e representativa da população em estudo.

O levantamento do contexto ecológico, exame das estruturas e a análise, plotagem e quantificação de todos os eventos significantes, foram feitos de acordo com a metodologia anteriormente empregada pelo Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, a qual foi detalhadamente descrita por MENDONÇA DE SOUZA (1977:16). A cerâmica foi estudada de acordo com SHEPARD (1961), SERRANO (1952), MEGGERS & EVANS (1970) e GRADIN (1976). A terminologia empregada é aquela fixada por CHMYZ (1976).

#### As Evidências Arqueológicas:

O sítio arqueológico da lagoa Miararré é, como já



foi dito, um sítio sub-aquático. Nas prospecções e sondagens realizadas nas áreas contíguas não se localizou nenhuma zona de terra firme com o mesmo tipo de evidências. Estas são em sua totalidade, cerâmica com decoração plástica. Ao todo nas quatro etapas de campo, e computando-se, ainda, aquelas disponíveis em coleções particulares, foram examinada 141 peças, na sua maioria inteiras.

As principais características destas cerâmicas são:

1. - Método de manufatura:

Modelado, em 70,9% dos casos, e acordelado, nos 29,1% restantes. Esta é também a proporção entre artefatos não utilitários (70,9%), em cuja manufatura foi empregada unicamente o modelado, e os recipientes (29,1%), manufaturados com a técnica do acordelado.

2. - Pasta:

2.1. - Tempero:

Cauixi, constituindo de 40% a 60% da pasta, ocorrem do pequenas quantidades de grãos de quartzo, matéria corante e matéria orgânica, possivelmente impurezas da própria argila.

2.2. - Textura:

Compacta, leve, com algumas bolhas de ar. Alguns espécimes apresentam estrutura laminar.

2.3. - Cor:

A cor dos núcleos varia de cinza escuro ao cinza-alaranjado. A pasta deveria ter, antes da queima, cor cinza.

2.4. - Queima:

Atmosfera oxidante em todos os casos em que esta ocorre.

Em % dos casos não ocorre a queima.

3. - Superfície:

3.1. - Cor:



Cinza escuro, cinza claro, alaranjado, ocre e bege claro, ocorrendo manchas de queima.

3.2. - Tratamento:

Superfície muito bem alisada em 80% dos exemplares. Os demais apresentam estrias de alisamento e antiplástico aparente. Algumas peças (10%) apresentam resquícios de banho alaranjado, desaparecido na maior parte da superfície por força da submersão prolongada.

3.3. - Dureza:

Varia de 2 a 4 na escala de Mohs.

4. - Formas e dimensões:

A amostra pode ser dividida em duas séries distintas:

4.1. - Peças utilitárias (29,1% da amostra).

Principais formas reconstituídas:

- 1.- Vaso cilíndrico de base plana, boca circular, borda vertical e lábio plano, com entalhe periférico, à meia altura, com 5cm de largura e 4cm de profundidade. Tem 7cm de altura e espessura média de 1,5cm, apresentando duas perfurações semi-circulares na borda.
- 2.- Assador de base plana, boca circular, borda vertical e lábio plano, com cerca de 60cm de diâmetro e 6,0cm de altura. Espessura entre 1,6 e 2,7cm.
- 3.- Prato de base plana, boca circular, borda inclinada externamente em ângulo de  $55^{\circ}$  com o fundo. Diâmetro de 11,5cm e espessura de 6mm.
- 4.- Suporte para panela, de base circular, com diâmetro de 10,0cm e depressão central de 6,0cm. Contorno hiperhólico com menor diâmetro à meia



altura.

5.- Vasos de contorno simples, de pequenas dimensões, globulares, cujas formas não foram bem definidas, apresentando asas e aplicados zoomorfos modelados.

6.- Peça discoidal, com 9,3cm de diâmetro, apresentando orifício central e sulco periférico com 7,0mm de largura, sugerindo pesos de tear.

#### 4.2. - Peças não utilitárias (70,9% da amostra).

Estas peças, todas modeladas, diferenciam-se em três séries. Na primeira estão englobadas peças de feitura realista, que buscam retratar os seres vivos dos quais são cópia. Na segunda, estão aquelas esquemáticas. Na terceira, foram reunidas aquelas cuja caracterização é duvidosa, e os objetos de adorno. Em todos os casos, são peças das quais não restam dúvidas de que se tratam de objetos votivos ou cerimoniais. Efetivamente, no decorrer dos últimos anos constatou-se que Tacumã transportou alguns destes objetos para a lagoa Ipavu, visando aumentar a piscosidade de suas águas.

##### 4.2.1. - Peças não utilitárias realistas (29,2% da amostra).

São peças zoomorfas e antropomorfas, de contornos simplificados, modeladas, representando a fauna da região, com decoração incisa e pintada (apenas 8,5% apresentam decoração superficial):

1.- Peixes - representam 5,7% da amostra. São peças planiformes, com olhos, bocas, barbatanas e caudas representadas. Apresentam de 18,0 a 21,5cm de comprimento e largura de 3,0 a 8,0cm, com espessura média de 1,3cm.

2.- Raias - representam 5,7% da amostra. São peças plano-convexas, com olhos, bocas e caudas representadas. Apresentam de 11,0 a 15,0cm de comprimento e largura de 6,0 a 8,0cm com espessura



ra média de 1,2cm.

3.- Tatus e Antas - representam 8,5% da amostra. São peças de contorno complexo, representando olhos, bocas, caudas, pés, e (um exemplo) delimitando a cabeça. Apresentam de 12,0 a 15,0cm de comprimento, 5,0 a 6,5cm de largura e 6,0 a 7,0cm de altura.

4.- Ave - representa 0,7% da amostra. É peça de contorno complexo, em que se representou apenas o pescoço e a cabeça. Esta é mais elaborada, apresentando bico, olhos e crista. Altura de 5,5cm, largura máxima de 3,6cm e espessura máxima de 2,5cm.

5.- Antropóides - representam 8,5% da amostra. São peças de contorno complexo, representando olhos, bocas, membros superiores e inferiores, orelhas; muito proeminentes, falus de tamanho proporcionalmente maior. As peças geralmente são representadas "de pé", com pernas esticadas, braços em adução e mãos em pronação ocorre um caso de abdução. Os detalhes, como traços do rosto, são todos muito simplificados, exceção feita para o falus que recebeu acabamento mais esmerado.

#### 4.2.2. - Peças não utilitárias estilizadas (14,2% da amostra).

São peças zoomorfas, de contornos complexos e esmeradamente decoradas superficialmente, estando o motivo representado apenas pelas linhas mais gerais de seu contorno.

1.- Peixes - representam 5,7% da amostra. São objetos platiformes, com decoração em ambas as faces. Observa-se em alguns exemplares a existência de um sulco periférico, ao longo da parte externa da boca e a presença de pedúnculo com sulco, indicando uma possível utilização como

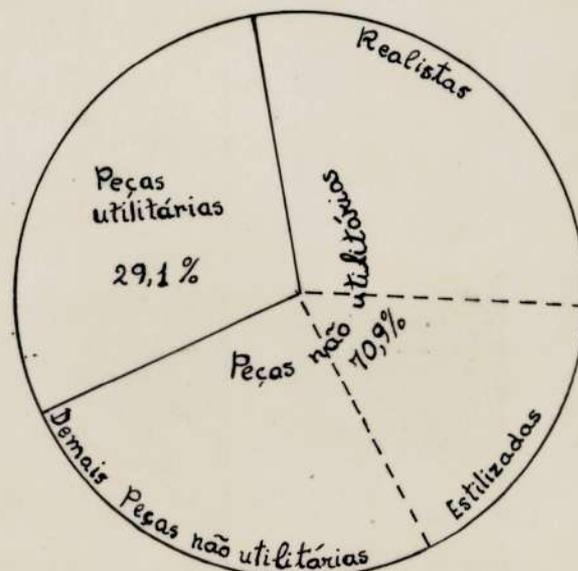


objeto de adorno. Espessura média de 1,2cm, com larguras entre 8,0 e 11,0cm.

2.- Antropóides - representam 8,5% da amostra. São objetos platiformes, decorados em ambas as faces, com detalhes anatômicos apenas esboçados, em alguns casos e outros com seguintes detalhes. Também foram utilizadas formas estilizadas. Nota-se em 2 casos o reaproveitamento de fragmento de cerâmica utilitária como matéria prima de formas esculpidas - estes são de manufatura recente. Larguras entre 3,2 e 11,0cm, alturas em torno dos 12,0cm e espessura média de 1,2cm.

4.2.3. - Demais peças não utilitárias (27,5% da amostra).

São objetos variados, de utilização inespecífica, com contornos triangulares, retangulares ou irregulares, decorados em ambas as faces, em alguns casos com bordos denteados. Existem espécimes que apresentam evidências de terem sido utilizados como pingentes. Em pelo menos dois casos, constatou-se o re-aproveitamento de um fragmento de cerâmica utilitária, sobre os quais foi elaborado desenho com motivos xinguanos, imitando máscaras típicas. Em um destes exemplos, o nariz da máscara foi sobreposto "a posterior" apresentando-se com pasta de coloração diferente.



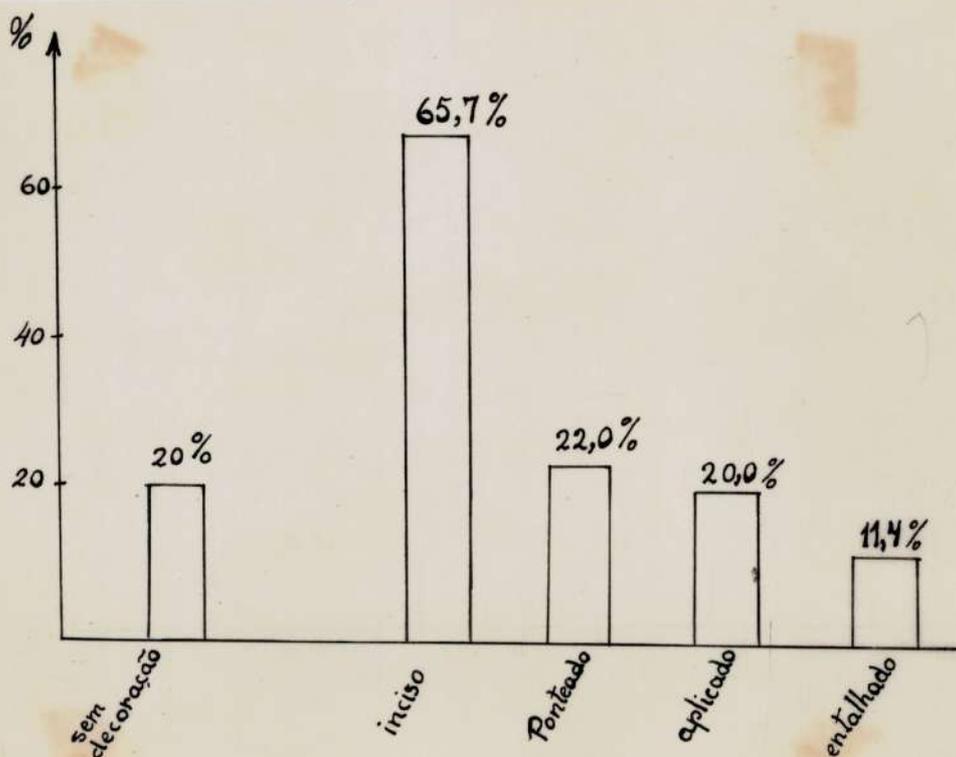


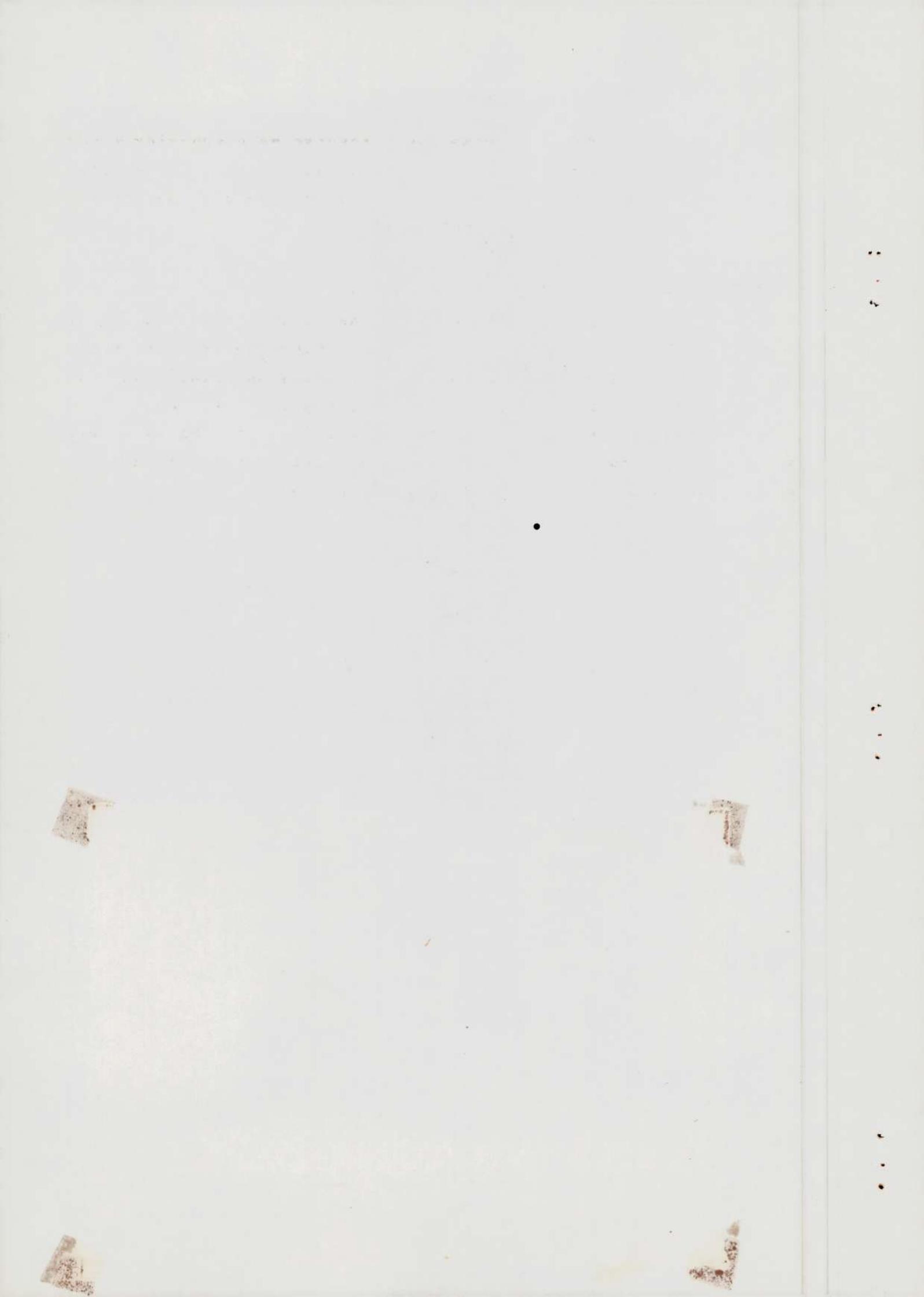
5. - Decoração:

5.1. - Técnica:

A decoração, praticamente ausente nos artefatos não utilitários realistas, está presente em todos os demais. As técnicas empregadas são as seguintes:

- 1.- Inciso - técnica de decoração em que o motivo é transposto à peça por meio de incisões praticadas com artefato pêrfuro-cortante na superfície da pasta antes da queima (65,7% dos casos).
- 2.- Ponteadado - técnica de decoração em que o motivo é transposto à peça por meio de percussões praticadas com artefatos ponteadado na superfície da pasta antes da queima (22,8% dos casos).
- 3.- Aplicado - técnica que consiste em acrescentar à superfície da peça antes da queima tiras ou bolas de pasta, com as quais se delinea o motivo. Quando este aplicado é previamente modelado (antropomorfo, zoomorfo, etc), recebe a designação particular de adorno (20,0 dos casos).
- 4.- Entalhado - técnica que consiste em pequenos cortes executados no lábio do vasilhame ou sobre aplicados (11,4% dos casos).





NOTA: A soma das porcentagens é superior a 100% em virtude de uma mesma peça poder apresentar duas ou mais técnicas de decoração superficial simultaneamente.

5.2. - Motivos de decoração superficial:

Os motivos são, em todas as peças com decoração superficial (80,0% da amostra) aqueles designados por STEINEN (1940: 332) de MEREXU, e que consistem em intrincadas associações de linhas paralelas, triângulos e losângulos, algumas vezes com círculos e motivos zoomorfos extremamente simplificados. Estes motivos estão universalmente distribuídos no Alto Xingu, e foram registrados, dentre outros, pela Comissão Rondon.





